

CULTURA, ALIENAÇÃO E REVOLUÇÃO NA TEORIA MARXISTAJulia Malanchen¹Silvia Alves dos Santos²**RESUMO**

Objetivamos neste artigo expor de forma mais detalhada a compreensão de cultura na teoria marxista e sua relação com a produção do ser social, da sociedade de classes e da alienação. Expomos a partir de autores marxistas a necessidade do acesso a cultura de forma universal, existente em nossa sociedade, para a organização de uma revolução socialista. Deste modo, defendemos neste trabalho, a existência e a necessidade de uma cultura universal para a organização de uma sociedade muito distinta desta em que vivemos.

Palavras-chave: cultura; alienação; revolução.

CULTURE, ALIENATION AND REVOLUTION IN MARXIST THEORY**ABSTRACT**

We aim in this article to explain in more detail the understanding of culture in Marxist theory and its relation to the production of social being, of class society and alienation. Expose Marxist authors from the need of access to culture universal, existing in our society, for the organization of a socialist revolution. Thus, we argue in this paper, the existence and necessity of a universal culture for the organization of a society very different from this in which we live.

Key words: culture; alienation; revolution.

Introdução

Conforme explicam Duarte e Martins (2013), cultura é a atividade humana acumulada, envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza, para produzir sua existência. Definindo etimologicamente, cultura significa: lavoura, cultivo, ou seja, é um elemento que deriva da natureza, de sua transformação pela ação humana. Mas, com o advento do pensamento pós-moderno o termo cultura se pluralizou, está fragmentado e, portanto, relativizado.

Observamos que o conceito de cultura, na contemporaneidade, é a temática de amplos debates, sobretudo na área das ciências humanas e, mais designadamente, no campo da antropologia. Devido à grande produção teórica não se encontrar no campo marxista, tem se promovido o debate sobre o tema da cultura sem relacioná-la à base material na qual é produzida e isto é feito com intenso apelo ao ponto de vista idealista e a-histórico. Conforme nos afirma Duarte (2010), essa prática corrobora o completo processo de banalização e esvaziamento do conceito de cultura.

Compreender, portanto, o conceito de cultura a partir da perspectiva marxista, na atualidade, demanda um esforço no sentido de relacioná-lo com a história da humanidade, destarte, com a formação do ser social. E como nos afirma Lukács (1966), só é possível

compreendermos corretamente a cultura se não a desvincularmos das relações de produção e reprodução da existência humana.

Deste modo, objetivamos neste artigo expor de forma mais detalhada a compreensão de cultura na teoria marxista e sua relação com a produção do ser social, da sociedade de classes e da alienação. Expomos a partir de autores marxistas a necessidade do acesso a cultura de forma universal, existente em nossa sociedade, para a organização de uma revolução socialista. Deste modo, defendemos neste trabalho, a existência e a necessidade de uma cultura universal para a organização de uma sociedade muito distinta desta em que vivemos.

Cultura, sociedade de classes e alienação.

Leontiev (1978) aponta que, enquanto no mundo animal a adaptabilidade ocorre de forma perfeita e sagaz ao meio, no mundo humano, devido ao modo de organização de nossa sociedade ser atrelada à divisão do trabalho, são díspares as condições de acesso à cultura desenvolvida historicamente pela humanidade. Isto, conseqüentemente, resulta em diferentes desenvolvimentos das aptidões e funções intelectuais dos sujeitos.

Portanto, para Leontiev (1978), as desigualdades existentes em nossa sociedade não são produzidas pelo aparato biológico, mas sim pelas diferenças de acesso dos sujeitos à riqueza produzida pela humanidade. Como afirma a seguir:

[...] esta desigualdade entre os homens não provém das suas diferenças biológicas naturais. Ela é o produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classes e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico. (LEONTIEV, 1978, p. 274).

O autor expõe, ainda, que quando as produções humanas (materiais e intelectuais) objetivam-se nos produtos desenvolvidos pela humanidade, estas possibilitam que os sujeitos não estejam mais atrelados às leis da evolução (leis biológicas), porém isso também permite que os mesmos possam separar-se do que produziram. Essa separação, na qual o indivíduo não se vê mais naquilo que produziu, é a alienação, primeiramente econômica, que surge por meio da divisão do trabalho, da propriedade privada, portanto com a luta de classes. Desse modo, “o produto toma um caráter totalmente impessoal e começa a sua vida própria, independente do ser humano, a sua vida de *mercadoria*.” (Idem, p.275). Entretanto, destacamos que a separação por si só do homem de seu produto, não é alienação, pois o homem por meio do trabalho produz um mundo objetivo, ou seja, “põe em ação suas forças subjetivas que se exteriorizam e se objetivam nos produtos de sua atividade” (SAVIANI, 2004, p. 31). A alienação se faz presente em nossa sociedade, na qual os meios de produção, e os produtos que resultam destes, são propriedade privada da classe que esta no poder. A separação se torna negativa quando “o processo pelo qual os produtos do trabalho se tornam estranhos ao trabalhador e sendo apropriados por outros, o não trabalhador, voltam-se contra o seu criador”. (SAVIANI, 2004, p.31). Ainda para Saviani (2004, p.33):

Para Marx a alienação não é vista como constitutiva, isto é, como essencial à natureza do homem, mas decorrente de razões históricas: o operário aliena sua própria essência na relação prática, isto é, material, com a natureza (o trabalho) que, por sua vez, determina a relação entre os

homens que aí se apresentam como o operário e o não operário. Portanto, o conceito de trabalho alienado já remete à produção material. A alienação ocorre na história em que também se criam as condições para a sua eliminação. Assim, ao contrário de Feuerbach, para Marx a alienação não é algo decorrente de uma essência universal e abstrata, um conceito meramente antropológico. Para ele “a alienação se dá numa forma concreta do trabalho humano e está condicionada historicamente tanto em seu aparecimento e desenvolvimento como em sua eliminação” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1977, p. 436). (SAVIANI, 2004, p. 33).

Na mesma linha teórica, Leontiev (1978) expõe que a divisão social do trabalho direciona que a atividade material e intelectual, como a produção e o consumo, pertença a indivíduos distintos. “Assim, enquanto *globalmente* a atividade do ser humano se enriquece e se diversifica a de cada indivíduo *tomado à parte* estreita-se e empobrece.” O autor ainda continua “A concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos.” (Idem, *Ibidem*).

Este processo, de acordo com Saviani e Duarte (2012), tem a ver com a relação de objetivação e apropriação pelo ser humano dos bens produzidos em nossa sociedade. Os autores explicam que:

No longo período da história social, marcado pela divisão das sociedades em classes antagônicas, as relações de produção existentes entre as classes fundamentais caracterizam-se pela divisão social do trabalho, acarretando que a objetivação do ser humano e apropriação dos resultados dessa objetivação ocorressem sob formas que impediram que a totalidade da riqueza material e não material fosse posta a serviço da realização e do desenvolvimento da totalidade dos seres humanos. (SAVIANI & DUARTE, 2012, p. 21).

Embora pareça que os bens produzidos estão à disposição de todos, somente uma pequena parcela é que tem acesso às riquezas produzidas. A grande maioria tem acesso a pouco, ou quase nada, das riquezas materiais e intelectuais produzidas em nossa sociedade. Esse quadro, de acordo com Leontiev (1978, p.276), produz “uma estratificação da cultura.” E de acordo com Marx *apud* Saviani & Duarte resulta na alienação, uma vez que:

A alienação do trabalhador em seu objeto se expressa, segundo as leis econômicas, da seguinte forma: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor, tanto mais indigno ele é; quanto mais elaborado é seu produto, tanto mais disforme é o trabalhador; quanto mais civilizado é seu objeto, tanto mais bárbaro é o trabalhador; quanto mais rico espiritualmente se faz o trabalho, tanto mais desespiritualizado e ligado a natureza fica o trabalhador. [...] Certamente o trabalho produz maravilhas para os ricos, porém produz privações para o trabalhador. Produz palácios, porém para o trabalhador produz choupanas. Produz beleza, porém deformidades para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, porém lança uma parte dos trabalhadores a um trabalho bárbaro, e converte em máquinas a outra parte. Produz um espírito, porém gera a estupidez e cretinice para o trabalhador (MARX *apud* SAVIANI & DUARTE, 2012, p.22).

Deste modo, observamos que enquanto, por um lado, se produz de forma rápida uma grande quantidade de conhecimentos e avanços tecnológicos, representando o interesse da maior parte da população, por outro lado se produzem a ideologia e as concepções burguesas que servem aos interesses da classe dirigente, o que contribui para justificar a desigualdade e injustiças existentes. Este contexto de confrontos existentes entre os interesses da classe dirigente *versus* os interesses da classe trabalhadora é denominado de *luta ideológica*. Conforme explicita Leontiev (1978):

Enquanto no domínio das ciências que asseguram o progresso técnico se verifica uma acumulação rápida de conhecimentos positivos, no domínio que toca ao homem e à sociedade, à sua natureza e essência, às forças que os fazem avançar e ao seu futuro, nos domínios dos ideais morais e estéticos, o desenvolvimento segue duas vias radicalmente diferentes. Uma tende para acumular as riquezas intelectuais, as ideias, os conhecimentos e os ideais que encarnam o que há de verdadeiramente humano no homem e iluminam os caminhos do progresso histórico: ela reflete os interesses e as aspirações da maioria. A outra tende para a criação de concepções cognitivas, morais e estéticas que servem os interesses das classes dominantes e são destinados a justificar e perpetuar a ordem social existente, em desviar as massas da sua luta pela justiça, igualdade e liberdade, anestesiando e paralisando a sua vontade. O choque destas duas tendências provoca aquilo a que se chama a *luta ideológica* (LEONTIEV, 1978, p. 276).

Diante do exposto, compreendemos que a alienação econômica, que procede da divisão social do trabalho e da propriedade privada, não tem apenas como resultado afastar a população da cultura intelectual, mas faz a dicotomia desta, em rudimentos de duas classes, “umas progressistas, democráticas, servindo o desenvolvimento da humanidade, e as outras que levantam obstáculos a este progresso, se penetram nas massas, e que formam o conteúdo da cultura declinante das classes reacionárias da sociedade.” (Idem, *Ibidem*).

Com esta compreensão, a superação da alienação da humanidade tem a ver com a construção de outro modelo social, de outras formas de relação entre os seres humanos, com a superação da propriedade privada e, portanto, da sociedade de classes. Porém, uma superação positiva, que para Saviani & Duarte (2012) significa,

a superação da sociedade capitalista, não significaria a abolição do trabalho, nem mesmo o abandono da riqueza material e espiritual produzida pelo trabalho alienado, mas sim a superação dessa forma histórica da atividade humana: que é o trabalho alienado pela sua transformação em autoatividade. Isso significa uma mudança de quatro aspectos da atividade humana: a relação dos sujeitos como o resultado da atividade humana, a relação do sujeito com a própria atividade, a relação do sujeito consigo mesmo como ser genérico, isto é, representante do gênero humano, e a relação do sujeito com outros sujeitos (SAVIANI & DUARTE, 2012, p. 23).

Compreendemos, com isso, que a superação da forma unilateral de apropriação da cultura humana produzida e da formação do ser humano de forma alienante, só pode ocorrer num outro modelo social, num modelo comunista, que fará dessa apropriação um processo omnilateral. Desse modo,

Superadas as relações sociais alienadas, mudam radicalmente as relações dos seres humanos tanto com os produtos já existentes na cultura como os produtos gerados pela atividade do indivíduo. A objetivação que o indivíduo realiza por meio de sua atividade passa a ser um processo no qual sua individualidade transforma-se em objeto social, objeto que realiza o indivíduo e enriquece aos demais seres humanos. Igualmente, a apropriação dos objetos sociais já existentes na cultura forma o indivíduo como um ser humano. (SAVIANI & DUARTE, 2012, p. 25-26).

Ainda sobre isso, Duarte (2013) explica que:

Se considerarmos que o ser humano é ativo e que sua atividade vital é a forma dele se desenvolver e se realizar humanamente, isto é, se considerarmos que a atividade vital é o núcleo da vida humana, então perceberemos que o trabalho assalariado significa que o trabalhador se desfaz da parte principal de sua vida apenas para ter os recursos necessários para viver. Isso é alienação, ou dizendo de outra maneira, essas são formas alienadas de objetivação e apropriação. O desafio da humanidade está em superar essas formas alienadas de objetivação e apropriação, mas os seres humanos não poderão, em hipótese alguma, deixar de se objetivar e de se apropriar de suas objetivações (2013, p. 71) (grifos meus).

Com essas premissas, entendermos a dialética existente no processo de alienação e humanização, ou seja, seus aspectos positivos e negativos. A dialética é de suma importância para compreendermos as críticas realizadas por Marx ao capitalismo, como nos aponta Duarte (2013, p. 76): “porque Marx, ao mesmo tempo em que criticava incisivamente a exploração do trabalhador na sociedade capitalista, avaliava positivamente as conquistas dessa sociedade em termos de criação das condições necessárias para a passagem ao socialismo”. O autor ainda escreve que:

Para Marx, [...] ao mesmo tempo que o capitalismo criou a universalidade da alienação do indivíduo perante si mesmo e perante os outros seres humanos, essa mesma sociedade produziu a universalidade e a multilateralidade das relações e habilidades humanas. Ou seja, no capitalismo existe uma contradição que só poderá ser resolvida com a superação da própria sociedade capitalista, que é a contradição entre a criação das condições para a objetivação livre e universal do gênero e a forma alienada pela qual ocorre essa objetivação. (DUARTE, 2013, p. 85-86)

Nessa mesma direção, Leontiev (1978) afirma que as produções históricas da humanidade não nascem com o indivíduo, mas estão objetivadas nas grandes obras da humanidade. É somente quando se apropria das mesmas que o ser humano se torna verdadeiramente humano, colocando-se “por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e elevando-se muito acima do mundo animal.” (Idem, p. 283). Conforme Markus (1974):

[...] a alienação nada mais é que uma ruptura na qual a evolução da humanidade se destaca da evolução do indivíduo, na qual o efeito, que modifica e desenvolve o homem, da atividade humana apresenta-se apenas como relação social global, mas não como elemento capaz de

provocar a formação do indivíduo, o desenvolvimento da personalidade e de sua atividade. Logo, a alienação é, no sentido marxista destas noções, a ruptura, a contradição entre a essência e a existência do homem. Por fim à alienação significa, pois, liquidar essa antinomia, quer dizer promover uma evolução histórica na qual cessará o contraste entre a riqueza da sociedade, os mil matizes de sua vida, por um lado, e a submissão, a limitação, o caráter unilateral de cada indivíduo, por outro; na qual será possível avaliar de forma adequada o grau de evolução do progresso social mediante a maturidade do indivíduo; na qual a universalidade e a liberdade do gênero humano se expressem diretamente na existência variada e livre de cada homem (MARKUS, 1974, p. 99).

Observamos que os autores aqui abordados defendem a necessidade de construirmos outro modelo de sociedade, no qual cada sujeito possa, na prática, ter condições de trilhar um caminho que o leve realmente à apropriação da cultura em seu grau mais elevado. Só assim existe a possibilidade da humanidade progredir coletivamente. Para ele,

Este fim é acessível. Mas só o é em condições que permitam libertar realmente os homens do fardo da necessidade material, de suprimir a divisão mutiladora entre trabalho intelectual e trabalho físico, criar um sistema de educação que lhes assegure um desenvolvimento multilateral e harmonioso que dê a cada um a possibilidade de participar enquanto criador em todas as manifestações de vida humana. (MARKUS, 1974, p. 284).

Nessa perspectiva, a Pedagogia Histórico-Crítica está engajada no objetivo de superação deste modelo social, por meio da superação das formas alienadas com que se realizam, nessas circunstâncias, os processos de objetivação e apropriação. Para Duarte (2011):

[...] esta deve ser a linha mestra a conduzir as ações dos educadores alinhados à Pedagogia Histórico-Crítica: lutar para que se torne cada vez mais intensa em todos os indivíduos a necessidade de criação da capacidade de fruição dessa produção material e espiritual universal. A revolução comunista nasce desta contradição entre a existência da massa dos absolutamente sem propriedade e o caráter universal e multifacetado da riqueza material e espiritual produzida pelo trabalho dos próprios seres humanos. Uma pedagogia que valorize a liberdade dos indivíduos não será aquela que tenha por objetivo formar nos alunos a capacidade de adaptação a realidade local da qual eles fazem parte, mas sim aquela que forme nos alunos a consciência da necessidade de apropriação da riqueza espiritual universal e multifacetada (DUARTE, 2011, p. 10).

Para finalizar este item, não podemos deixar de considerar uma das ilusões difundidas nos últimos tempos pela ideologia burguesa, conforme nos explicita Duarte (2003), de que o acesso ao conhecimento estaria amplamente democratizado, universalizado. É sabido que os interesses da classe dominante são determinados pela lógica do lucro, do aumento de riquezas, aumento do capital. Por conseguinte, se a difusão desse conhecimento é mediada pela lucratividade, aquele tipo de afirmação não passa de uma grande ilusão. Conforme Duarte (2003), a sociedade capitalista não permite a existência da assim chamada “sociedade do conhecimento”.

Ao mesmo tempo em que o acesso aos bens culturais é administrado por programas

assistenciais e por meios de comunicação, acredita-se numa falsa concepção de que o conhecimento está sendo largamente socializado. Porém, quanto mais a propagação do conhecimento for conduzida por leis econômicas, mais superficiais se tornam as necessidades intelectuais dos sujeitos, produzindo, desse modo, a decadência do saber e colaborando para o esvaziamento intelectual.

O progresso do conhecimento é, sem dúvida, algo positivo para a emancipação da classe trabalhadora e, juntamente, de toda a humanidade. Todavia, nem sempre o conhecimento é empregado em benefício da classe dominada. Essa precisa se apropriar do conhecimento produzido para colocá-lo à serviço da emancipação de toda a humanidade. Assim, de acordo com Duarte (2013, p. 61), “a superação da alienação na vida dos indivíduos não é independente da transformação coletiva das relações sociais”. É sobre isso que trataremos no item a seguir.

A cultura, a revolução e a construção de um modelo social comunista.

Neste item será explorado o que autores como *Lev Davidovich Bronstein*, mais conhecido como *Leon Trotski* (1879-1940) e *Lênin, Vladimir Illitch Ulianov* (1870-1924), revolucionários russos escreveram sobre a cultura material e intelectual produzida e a importância de sua apropriação pela classe trabalhadora, para a superação do capitalismo e, conseqüentemente, para a construção do modelo social comunista³.

No texto *Cultura e Socialismo*, de Trotsky, escrito em 1924, no qual trata diretamente sobre a cultura, o autor busca delinear uma maior compreensão sobre a herança cultural da humanidade, com inclusão da burguesa; e a possibilidade de se compreender a cultura para além das classes sociais, uma cultura que pertença a toda humanidade e não a grupos ou classes específicas.

Trotski (1981) inicia apontando que, na sua origem, a cultura se contrapõe ao que era dado ao ser humano pela natureza, o que era conquistado pela força do ser humano, como: campo arado e cultivado, diferente das florestas e solos virgens. Nesta antítese, permanece um valor sintético, pois na ação de adequar a natureza às suas necessidades, o ser humano produz a sua existência ao mesmo tempo em que se humaniza. Para o autor:

Cultura é tudo aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado pelo ser humano no curso de toda a sua História, em contraposição ao que a natureza lhe deu, compreendida aí a história natural do ser humano como espécie animal [...] Mas o momento em que o ser humano se separou do reino animal – e isto aconteceu quando o ser humano segurou pela primeira vez os instrumentos primitivos de pedra e de madeira – naquele momento começou a criação e acumulação de cultura, isto é, do conhecimento e da capacidade de todos os tipos para enfrentar e subjugar a natureza (TROTSKI, 1981, p.51).

O autor destaca, dentre a soma dos elementos que formam a cultura, os que penetram na formação da consciência social:

[...] a parte mais preciosa da cultura é aquela que se deposita na consciência do próprio ser humano: o método, os costumes, a capacidade, a habilidade que adquirimos e que se desenvolve partindo de toda a cultura material pré-existente e que, embora se prendendo a ela, faz com que progrida de acordo com a época. (TROTSKI, 1981, p.52).

Trotsky trata os elementos culturais articulados à formação da consciência social como essenciais ao desenvolvimento da base material de existência do gênero humano.

Segundo Trotsky (1981), as classes se formaram do mesmo modo que a cultura: na luta do ser humano com a natureza pela sobrevivência e por melhorias no modo de vida. A estrutura classista de sociedade se desenvolveu e determinou “as relações materiais e seus reflexos ideológicos” (TROTSKI, 1981). Isto significa que a cultura, historicamente, adquiriu um caráter de classe. Entretanto, para Trotsky (1981) isso não significa que devemos ser contra a cultura produzida historicamente:

Aqui existe uma profunda contradição. Tudo aquilo que foi conquistado, criado, construído pelo esforço do ser humano e que serve para aumentar seu poder, é cultura. Mas como não se trata do ser humano considerado individualmente, mas do ser humano considerado socialmente, como a cultura é um fenômeno sócio-histórico pela sua natureza, e como a sociedade histórica tem sido e continua a ser uma sociedade de classes, a cultura, acabou por ser instrumento fundamental de opressão de classes. Marx dizia: “as ideias dominantes numa determinada época são essencialmente as ideias da classe dominante daquela época”. Isto também vale para a cultura no seu conjunto. Contudo dizemos a classe operária: apropriem-se de toda a cultura do passado, de outra maneira não construirão o socialismo. (TROTSKI, 1981, p. 52).

Essa análise feita por Trotsky é muito semelhante ao que afirmou Lênin, em seu discurso proferido no II Congresso da União das Juventudes Comunistas na Rússia em 1920:

Podemos e (devemos) empreender a construção do socialismo, não com um material humano fantástico nem especialmente criado por nós, mas com o que o capitalismo nos deixou como herança [...] não podemos edificar o comunismo senão a partir da soma de conhecimentos e forças humanas que herdamos da velha sociedade [...] Iludir-nos-íamos se pensássemos que bastava conhecer os princípios comunistas, as conclusões da ciência comunista, sem ter assimilado a soma de conhecimentos dos quais o comunismo representa a consequência [...] se não nos dermos perfeitamente conta de que só se pode criar essa cultura proletária conhecendo com exactidão a cultura criada pela humanidade em todo o seu desenvolvimento [...] para chegarmos a ser comunistas, temos de enriquecer inevitavelmente a memória com os conhecimentos de todas as riquezas criadas pela humanidade. (LÊNIN, 1977, p. 120,122, 124, 125,126).

As afirmações feitas por Lênin reforçam a questão de que a classe trabalhadora deve buscar apoderar-se das forças produtivas que libertam o ser humano do domínio da natureza, é essa a força motriz do processo histórico. Por tal razão, deve-se compreender que os trabalhadores precisam dominar todo o conhecimento e capacidade construídos pela humanidade historicamente, para assim emanciparem-se e edificarem a vida sobre bases distintas às do capitalismo.

Nessa direção, observamos que, apesar de discordâncias políticas, os dois autores defendem a tese de que não existe uma cultura proletária e outra burguesa. Existe sim uma cultura verdadeiramente humana, portanto, universal. De acordo com Eagleton (2011), Lênin,

em seu discurso no Congresso dos Escritores Proletários de 1920, se opôs ao dogmatismo abstrato da arte proletária, rejeitando como irrealistas todas as tentativas de decretar a existência de uma nova espécie de cultura. A cultura proletária poderia ser construída apenas em meio ao conhecimento da cultura anterior: toda valiosa cultura deixada pelo capitalismo, ele insistia, deve ser cuidadosamente preservada (EAGLETON, 2011, p. 78).

Conforme Bandeira (2007) em seu texto a *Cultura proletária* de 1920, Lênin afirma que:

O marxismo conquistou sua significação histórica universal, como ideologia do proletariado revolucionário, porque não rechaçou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas, pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de dois mil anos de evolução do pensamento e da cultura da humanidade. (BANDEIRA, 2007, p. 25)

Lênin concordava com as palavras expressadas por Kautsky⁴, que reforçavam que não era o proletariado o portador da ciência contemporânea, mas sim os intelectuais da burguesia. Ainda de acordo com Bandeira (2007), Rosa Luxemburgo, outra revolucionária marxista, afirmava que o proletariado, que nada possuía, não tinha como criar em sua luta para frente, uma cultura totalmente nova enquanto estivesse no contexto de uma sociedade burguesa. Portanto:

Rosa Luxemburgo indicava que “a classe operária só poderá criar uma arte e uma ciência próprias depois de libertar-se completamente de sua atual situação de classe”. E ao criar uma arte e uma ciência próprias, após libertar-se de sua atual condição de classe, estas já não serão proletárias, mas socialistas. Por isso Trotski repetia que “a significação histórica e a grandeza moral da revolução proletária residem no fato de que ela planta os alicerces de uma cultura que não será de classe, mas pela primeira vez verdadeiramente humana”. (BANDEIRA, 2007, p. 26).

Deste modo, Trotsky reforçava que a principal empreitada das lideranças do proletariado não era a construção de uma nova cultura, pois ainda não havia base para isso, mas sim contribuir de maneira sistemática para que a população pudesse se apropriar dos elementos imprescindíveis da cultura que já existia. Trotsky (2007, p.157) ainda afirma que “Marx e Engels saíram das fileiras da democracia pequeno-burguesa, e foi a cultura desta que os formou, e não uma cultura proletária”.

Ainda em relação à cultura, Lênin argumenta, em seu discurso de 1920 aos estudantes, que Marx só conquistou milhões de corações para a classe mais revolucionária porque se apoiava na base mais sólida dos conhecimentos humanos adquiridos sob o capitalismo. Segundo o revolucionário russo, ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana, Marx compreendeu a natureza inevitável do desenvolvimento do capitalismo, e demonstrou isso assimilando tudo que a ciência proporcionara até então. E continua ao afirmar que,

Devemos ter isso presente quando falamos, por exemplo, da cultura proletária. Se não nos dermos conta perfeitamente de que só se pode criar essa cultura proletária conhecendo com exactidão a cultura criada pela

humanidade em todo o seu desenvolvimento e transformando-a, se não entendemos a isto, nunca poderemos resolver semelhante problema. A cultura proletária não surge de fonte desconhecida, não brota do cérebro dos que se intitulam especialistas na matéria. Seria absurdo pensar assim. A cultura proletária tem de ser o desenvolvimento do conjunto de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, dos latifundiários e burocratas. (LÊNIN, 1977, p.125).

Trotsky (1981) também escreve sobre a arte do passado para reforçar essa importância:

A arte do século passado [século XIX] tornou o ser humano muito mais complexo e maleável, elevou sua mentalidade a um nível mais alto e enriqueceu-o em todos os sentidos. Este enriquecimento é uma conquista preciosa da cultura. O domínio da arte do passado é, então, condição necessária não só para a criação da nova arte, mas também para a construção de uma nova sociedade. [...] se repudiássemos sem motivo a arte do passado, nos tornaríamos ao mesmo tempo espiritualmente mais pobres (TROTSKI, 1981, p. 59). (acréscimos meus entre colchetes).

Partindo dessa forma de compreender a realidade com suas contradições e mediações, percebe-se que todas as esferas da vida serão influenciadas e regidas pelas mesmas, o que não é diferente com a produção espiritual que, atrelada à produção econômica, apresentará a contradição como elemento central do seu desenvolvimento.

Nas palavras do próprio Trotsky (1981, p. 60), encontra-se o seguinte: “Sim, a cultura é o instrumento principal da opressão de classe. Mas também a cultura, e apenas ela, pode tornar-se um instrumento da emancipação socialista”.

Reforçando o princípio de que a partir do velho é que poderá surgir o novo, Trotsky emprega grande esforço na defesa da apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade até então, como vimos, inclusive da arte burguesa.

Uma nova sociedade pode ser construída, mas não se cria toda uma cultura desde o início. É preciso apossar-se do passado, apropriar-se daquilo que já foi produzido em nível mais elevado, para que se possa continuar a construção a partir desse ponto. Destarte, a classe trabalhadora deve, em primeiro lugar, apossar-se oficialmente dos elementos mais importantes da velha cultura, a fim de poder, com isso, abrir caminho para a elaboração de outra. (TROTSKI, 1981).

Como apontado anteriormente, Lênin também tinha uma grande preocupação com a questão do grau de cultura da população russa, pois realizava a crítica às perdas da revolução devido a uma população com ausência de elementos fundamentais de constituição cultural.

Lênin reforçava, com toda veemência, que teria sido muito mais fácil e acessível lutar e estabelecer uma nova sociedade se o legado deixado pela burguesia, após a derrocada da monarquia e das classes dominantes, fosse uma cultura mais elaborada. Reiterava que a cultura burguesa promoveria ao proletariado dos países do ocidente a perspectiva de antecipar, após a vitória, a construção do socialismo. Snyder ao escrever sobre cultura em seu livro “Escola, classe e luta de classes” (1977) também defende a preservação e difusão de grandes obras culturais e os aspectos revolucionários que estas trazem em si.

Temos de lutar para restituir às grandes obras culturais o senso revolucionário que de facto possuem e que a tradição burguesa se esforça por sufocar. Temos igualmente de lutar para impor obras que a burguesia não pode recusar (pensemos em J. Vallès), mas que deixará na sombra e

no esquecimento se não nos precavermos. Esta luta é possível porque a cultura, tanto a que é inculcada na escola como a que evolui fora dela, pode servir de meio para preservar a ordem estabelecida mas constituindo ao mesmo tempo um dissolvente corrosivo desta mesma ordem. (SNYDERS, 1977, p. 319-320) (grifos nossos).

Nessa direção, mais do que nunca, é imprescindível entender como a relação com a cultura proporciona a manutenção ou a superação do modo de produção capitalista. Compreender isso é um desafio, pois o desenvolvimento cultural precisa contribuir com a emancipação humana e, desse modo, faz-se urgente confrontar as teorias que dissociam a cultura das relações de produção, pois essas, antagonicamente, afirmam seu posicionamento político, que é o de adaptar de maneira apaziguadora, ou “humanitária”, a classe trabalhadora à socialidade capitalista.

Cultura numa perspectiva marxista: a defesa da universalidade

A partir das considerações feitas até aqui, podemos concluir que, numa perspectiva marxista, cultura é tudo o que o ser humano produz, desde o mais simples e elementar, até o mais complexo. Nesse sentido, é imperativo compreender a cultura como um ilimitado campo de produções humanas materiais e não materiais, tais como, os instrumentos de todo tipo, os conhecimentos, desde o mais elementares até científicos e filosóficos, as obras das artes e da literatura, as várias formas de linguagem, os hábitos e costumes, entre outros. A cultura é “atividade humana condensada” (DUARTE & MARTINS, 2013), isto é, atividades que se acumulam nos objetos produzidos pelos seres humanos. Assim, a cultura existe objetivamente como acúmulo de atividades e experiências e subjetivamente na medida em que os indivíduos se apropriam daquilo que os outros seres humanos produziram e que está acumulado.

A cultura verdadeiramente humana não pertence a uma classe ou a um grupo, pois é uma cultura historicamente produzida por toda a humanidade, em suas relações e luta de classes. Isto é, a cultura é entendida pelos clássicos do marxismo como universal. No capitalismo, está nas mãos da classe burguesa, mas, numa sociedade comunista, não pertencerá somente ao proletariado, mas sim a todos, pois não existirão mais classes.

De acordo com Duarte & Martins (2013), isso não tem sido entendido pelos multiculturalistas, que se recusam a compreender historicamente o processo de universalização do ser humano e, portanto, do conhecimento, que já estava contido nos primórdios da civilização, com a transformação da natureza pelo trabalho (MARKUS, 1974). Certamente, no início o universo de fenômenos abarcados pela cultura era muito restrito, devido ao baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas. Foi com o capitalismo que se deu um salto em direção à formação de relações sociais mundiais, como explicam Marx e Engels na Ideologia Alemã (2007), isso também é retomado nos *Grundrisse* (2011).

Um aspecto que não pode ser desconsiderado é que existe cultura universal no capitalismo. E essa cultura, que tem como base o valor (de troca) da mercadoria, ou seja, o dinheiro, acaba por unir todas as nações, pois é a forma universal de cultura na sociedade capitalista. Uma universalidade das relações de mercado é a universalidade do capital. Desse modo:

[...] uma ilusão a ideia de que possa ser evitada a imposição de uma cultura universal, pois esse fato vem se concretizando mais e mais a cada dia, por obra do capitalismo. O desafio consiste em superar-se essa forma

unilateral e alienante de cultura universal, por outra que preserve a universalidade superando, porém, sua forma capitalista. Somente assim as culturas segmentais poderão ser ao mesmo tempo transformadas nos seus aspectos limitantes, conservadas nos seus aspectos enriquecedores da vida humana e elevadas a patamares superiores de desenvolvimento de todas as pessoas (DUARTE & MARTINS, 2013, p. 67).

Entendemos, a partir dessa explicação, que a verdadeira universalidade do ser humano só será alcançada no comunismo e por meio do acesso às conquistas culturais mais ricas e decisivas para a formação de capacidades que representem o máximo do desenvolvimento do gênero humano (DUARTE & MARTINS, 2013).

Porém, os multiculturalistas não entendem esse processo, para eles a universalização de conhecimentos é sempre uma imposição, uma relação de poder, uma anulação das culturas. Os mesmos se recusam a entender a universalização como um processo de conquista da liberdade para todo o gênero humano.

Para entendermos a posição dos multiculturalistas, é preciso levar em conta que os mesmos defendem o respeito à diversidade/pluralidade cultural, e entendem isso como uma forma de lutar contra a xenofobia, o preconceito em relação às diferentes identidades, a discriminação de etnia, gênero ou religião. De acordo com Canen *et al*

Conforme Lopes (1999), Moreira (1999) e Silva (1999), estes estudos têm tensionado o campo do currículo, trazendo novas configurações e propondo novos olhares, voltados ao reconhecimento e valorização de identidades culturais apagadas ou negadas em estruturas curriculares monoculturais (2000, p.1).

Porém, ao nos contrapormos ao discurso multicultural, e ao defendermos a existência de uma cultura universal, é porque concordamos com Duarte (2010) e entendemos que:

Trata-se aqui da relação entre os seres humanos e a totalidade da cultura humana. Se a humanização é resultante da construção social dessa cultura, entendida como o processo histórico de objetivação do gênero humano, e da apropriação das obras e dos fenômenos culturais pelos indivíduos, então a emancipação da humanidade deverá ocorrer como transformação da apropriação dessa cultura e, por consequência, transformação também da objetivação tanto do gênero humano quanto de cada indivíduo (DUARTE, 2010, p.109).

No campo do marxismo, a cultura é resultante e, simultaneamente, é formadora do gênero humano e, de nenhuma forma, está desarticulada da base material da existência.

Porém, os multiculturalistas/relativistas culturais permanecem numa visão particular e reducionista da cultura. Os mesmos argumentam que não existe uma cultura universal, que isso é resultado de uma visão colonialista. Consideram tratar-se de uma visão opressora e impositiva da cultura branca o que impede a diversidade e tolhe a liberdade dos seres humanos. Também analisam que o processo histórico humano recebeu até aqui imposições de grupos dominantes, e que os mesmos destruíram culturas de grupos menores. Desse modo, argumentam que, quando preconizamos uma cultura universal, nossa postura é etnocêntrica. Duarte (2010) analisa que, para os defensores do multiculturalismo e do pós-modernismo,

[...] não se trata apenas do fato de que a cultura humana ainda não tenha alcançado um estágio de verdadeira universalidade nem mesmo se trata do fato de que a classe dominante tenha até hoje submetido a cultura humana a seus interesses particulares de classe e, para tanto, tenha sufocado e destruído muito da riqueza contida nas culturas locais. Para o pós-modernismo, o problema não reside na visão burguesa de cultura humana, mas sim na própria ideia de que possa haver uma cultura universal. Rejeitando tal ideia, os pós-modernos afirmam que qualquer projeto educacional pautado explícita ou implicitamente no suposto da existência ou mesmo da possibilidade de uma cultura universal é um projeto conservador, autoritário e etnocêntrico. Em oposição a tudo isso, postulam o relativismo cultural como um dos pilares da educação em geral, incluída nesta a educação escolar (DUARTE, 2010, p. 102).

Como mostra o marxismo, somente por meio da universalização da cultura material e não material poderemos chegar à verdadeira liberdade do ser humano, como resultado de grandes contradições da profunda luta de classes desenvolvida na história social.

Na sociedade regida pelo capital, o desenvolvimento do ser humano existe na forma alienada de enriquecimento do capital pela classe explorada, conforme discutido no item anterior. Porém, como destaca Duarte (2010), em outro modelo de sociedade, na qual o trabalho não terá mais a marca da alienação, isso se modificará:

Uma revolução mundial realizada pela classe trabalhadora, ao suprimir totalmente da sociedade essa subordinação do trabalho ao processo de valorização do capital, isto é, ao despir a riqueza humana dessa sua forma historicamente situada, a forma de capital, tornará possível a efetivação, na vida de todos os indivíduos, do potencial de emancipação humana contido nessa riqueza. Tal processo possibilitará a constituição de uma cultura universal, que supere os limites das culturas locais, incorporando toda a riqueza nelas contida e elevando essa riqueza a um nível superior (DUARTE, 2010, p.103-104).

Fundamentando-se em Marx, Duarte (2010) coloca a questão da contradição existente em nossa sociedade que traz, por um lado, a universalização da alienação, resultante da universalização do valor de troca como mediação entre os seres humanos; e, por outro lado, a construção de uma riqueza universal, de relações e capacidades humanas universais.

Mas enfim, podemos afirmar que existe uma cultura universal? De acordo com Markus (1974),

Graças a universalidade que caracteriza a atividade laborativa do homem, 1) todo objeto torna-se objeto do agir humano; 2) o homem introduz cada vez mais objetos singulares em uma conexão ativa com outros objetos; 3) ao adquirir novas necessidades e ao desenvolver novos modos de produção, o homem explicita essa atividade num terreno inteiramente novo e no interior de novas conexões (por exemplo, através dos experimentos científicos). Tudo isso tem como resultado que o homem chega a um conhecimento cada vez mais completo do mundo dos objetos. Não se trata [...] de uma completicidade de natureza quantitativa. O conhecimento humano é *universal* na medida em que, segundo a concepção de Marx, a atividade do homem é uma atividade de caráter *universal* (MARKUS, 1974 p. 63).

Duarte (2008) afirma que Lukács, em sua obra com o título *Estética*, analisou o processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, como sendo o desdobramento, a partir da vida cotidiana, das esferas superiores de objetivação do gênero humano, como a ciência e a arte. Segundo Duarte (2008):

Lukács considerava esse processo como um efetivo e irreversível enriquecimento ontológico do ser humano, o que não significa que ele desconsiderasse a questão da alienação dos conteúdos historicamente concretos da ciência e da arte. Mas o filósofo marxista húngaro distinguia essa alienação resultante de relações sociais historicamente superáveis, do caráter humanizante que essas esferas de objetivação têm para o gênero humano (DUARTE, 2008, p.4).

Duarte (2008) ainda afirma que, no decorrer no processo histórico, permeado por contradições, o ser humano tem adquirido e formado forças, desempenhos e necessidades com uma qualidade superior, e que esses são incorporados à essência historicamente produzida pela humanidade. Porém, devido às relações de alienação em que vivemos, esses novos elementos não são efetivados na vida da grande maioria dos seres humanos. Pois,

A plena objetivação do conteúdo humano ocorre, na sociedade capitalista, como completo esvaziamento dos indivíduos e das relações sociais, pois essa objetivação acontece na forma da produção de mercadorias e da exploração dos trabalhadores pelo capital. A objetivação universal do ser humano se realiza, na sociedade capitalista, na forma de expansão do capital e da lógica mercantil para todas as regiões do planeta e para todas as esferas da vida humana, resultando em total alienação. A ampliação do campo abarcado pelas atividades humanas, a diversificação dessas atividades, a extensão das possibilidades de vida humana para muito além dos restritos limites da mera sobrevivência acontece, na sociedade capitalista, na forma de produção de mercadorias e, portanto, reprodução do capital, fazendo com que os indivíduos tenham que sacrificar a si mesmos e abdicar do seu crescimento como pessoas ao venderem sua força de trabalho e se submeterem às exigências opressivas do capital. (DUARTE, 2013, p.96-97).

É necessário distinguir o que deve ser superado da lógica do capital, daquilo que, por mais que tenha sido formado no meio das relações alienantes, deve ser preservado por uma sociedade socialista e elevado a uma condição superior de desenvolvimento.

Desse modo, entendemos que não se trata de pensar, como os relativistas culturais, que a saída está no retrocesso em relação à universalização atingida pelo capital, mas sim na sua superação por uma sociedade na qual a universalização não seja feita à custa dos sujeitos.

A apropriação da herança cultural humana pela classe trabalhadora é necessária por, pelo menos, dois motivos.

O primeiro é que os trabalhadores precisam de conhecimento e condições para organizar outra sociedade, e para isso é necessário apropriar-se de tudo o que foi produzido até o momento, pois não se constrói um novo modelo social com ausência de conhecimento do que já existe. Deste modo, tomar posse da cultura produzida historicamente é condição imprescindível para a construção do socialismo. Duarte (2006, p.610) explica que: “tal processo possibilitará a constituição de uma cultura universal que supere os limites das culturas locais, incorporando toda riqueza nelas contidas e elevando

essa riqueza a um nível superior”. Para Duarte (2013), essa apropriação representa um progresso em direção à humanização, ou seja, da universalização e da liberdade do homem que ocorre no capitalismo, por contradição, de forma limitada e sob o jugo alienante da sociedade burguesa.

O segundo motivo é o de que, em termos de formação humana, de acordo com Leontiev (1978) e com Martins (2013), o ser humano só desenvolve em plenitude suas funções e aptidões, ao ter acesso ao que existe de mais rico produzido em nossa sociedade na forma de cultura material e intelectual.

Desse modo, a formação de um ser humano omnilateral, e de outra sociedade superior a essa, só será possível com a apropriação da riqueza acumulada e das grandes obras produzidas pelo gênero humano. Ou explicado de outra forma,

Ao longo da história, por meio da atividade social e consciente do conjunto da humanidade, o processo de objetivação se desenvolve no sentido da efetivação da universalidade e da liberdade. Assim, na formação do indivíduo, será alienante todo processo que não resultar em efetivação, na existência individual, das possibilidades historicamente produzidas de objetivação consciente, social, livre e universal (DUARTE, 2013, p.98).

Finalizando, compreendemos, portanto, que a solução para a questão da alienação não será encontrada em concepções que postulem alguma forma de organização social que opere um retrocesso em relação ao processo de universalização realizado pelo capital, mas sim na superação do caráter abstrato dessa universalização, em direção ao desenvolvimento concretamente multilateral e livre de todos os seres humanos.

Referências

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Marxismo e a questão cultural**. In.: TROTSKY, Leon. Literatura e revolução. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2007.
- CANEN, Ana; ARBACHE, Ana Paula; FRANCO, Monique. **Pesquisando Multiculturalismo e Educação: o que dizem as dissertações e teses**. 23ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: ANPED, Caxambu, Setembro de 2000.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões**. Polêmicas de nosso tempo. Autores Associados, Campinas – SP, 2003
- DUARTE, Newton. **A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais: por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo ou relativismo cultural**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 607-618, set./dez. 2006.
- DUARTE, Newton. **Pela superação do esfacelamento do currículo realizado pelas pedagogias relativistas**. Julho/2008. Disponível em: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br
- DUARTE, Newton. **Por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo e relativismo cultural**. In. DUARTE, Newton & FONTE, Sandra Soares. Arte, Conhecimento e paixão na formação humana. Autores Associados, Campinas, 2010.
- DUARTE, Newton. **Fundamentos da pedagogia histórico-crítica: a formação do ser humano na sociedade comunista como referência para a educação contemporânea**. In.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org.) *Pedagogia Histórico-crítica: 30 anos*. 1ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

DUARTE, Newton; MARTINS, Lígia Márcia. As contribuições de Aleksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno. In: FERRO, Olga Maria dos Reis; LOPES, Zaira de Andrade (Org.). *Educação e Cultura: Lições históricas do universo pantaneiro*. Campo Grande: UFMS, 2013. P.43-79.

DUARTE, Newton. **A Individualidade Para Si. Contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. Edição Comemorativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. SP. Ed. Unesp, 2011.

LÊNIN, V. I. **Sobre a educação**. Volume 1. Lisboa, Seara Nova, 1977.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes 1978.

MARKUS, Gyorgy. **Teoria do Conhecimento no jovem Marx**. RJ: Paz e Terra, 1974.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MARX, Karl. & ENGELS Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Boitempo Editorial, SP, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política**. Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Perspectiva Marxiana do Problema subjetividade - Intersubjetividade** In.: DUARTE, Newton. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Dermeval & DUARTE, Newton. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. In. DUARTE, Newton & SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Autores Associados, Campinas – SP, 2012.

SNYDERS, George. **Escola, classe e luta de classes**. 2ª edição. Ed. Moraes, Lisboa, 1977.

TROTSKI, Leon. **Cultura e socialismo**. In: MIRANDA, Orlando (Org.). *Leon Trotski: política*. São Paulo: Ática, 1981.

TROTSKY, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2007.

¹ Doutora pela Universidade Estadual Paulista – Araraquara. Professora no curso de Pedagogia - UNIOESTE– Foz do Iguaçu.

² Doutora pela Universidade Federal de São Carlos. Professora no curso de Pedagogia - UENP – campus Cornélio Procópio.

³O fato de incorporarmos, neste item, as contribuições de Trotski e Lênin para a compreensão do tema da cultura no comunismo não significa que desconsideremos as divergências entre esses líderes revolucionários em torno a questões de natureza tática e estratégica. Fugiria, porém, aos limites deste trabalho, entrar na discussão dessas divergências.

⁴ Assim, como no caso de Trotsky, também no que se refere a Kautsky, não abordaremos as divergências políticas deste com Lênin.